

INVASÃO DE FÉ

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

Fotos: Adauto Cruz

Espremida entre dejetos que fazem as pessoas andarem pulando e o baile improvisado ao som sertanejo em último volume, os frequentadores de uma igreja evangélica comanda a invasão na quadra 519, em Samambaia. E, sob orações, a população cresce. A área está sempre em obras.

O principal líder é o pastor Geraldo Soares de Lacerda, um paraibano de 47 anos. Assistiu ao crescimento da invasão, balançando os ombros. "Não posso fazer nada", diz apontando os barracos em obra, com um sorriso meio irônico. Não diz, mas é evidente que tem satisfação de revelar o descontrole. Um jeito de reivindicar lotes.

Geraldo Lacerda afirma que existem 400 barracos na invasão. "E vai crescer mais. É isso que estamos vendo todos os dias", interrompe Francisca Oliveira Costa, também evangélica. Cabeços compridos, quase na cintura, amarrados em rabo-de-cavalo. E assistente fiel do pastor Geraldo. Ela é também parte da comissão organizada pelo pastor para negociar o destino dos moradores.

"Sempre que vou pegar o ônibus de manhã, tem gente passando com carrinho de mão com madeirite", alerta Antônio Edilson Alves Mineiro, 33. Os moradores mostram um canto da invasão que cresceu em cerca de 20 barracos nos últimos dias. Bem no centro, onde as valas de dejetos cruzam-se, mais obras. Vários homens cavam poços e levantam estacas.

Geraldo Lacerda explica que a área ocupada pela invasão desde janeiro foi concedida a cooperativas pelo governo Cristovam Buarque em dezembro do ano passado. E tem uma decisão judicial para ser desocupada. Por um prazo que ele afirma ter terminado há alguns dias.

Várias vezes o pastor conversou com o administrador regional de Samambaia, Eurípedes Leônio Carneiro, que chegou a visitar a igreja muitas vezes. "Ele vinha aqui e dizia que estava ao nosso lado. Mas no último dia 3 nós recorremos a um advogado e



Pelos cálculos pastor que lidera a invasão, são 400 barracos, número que aumenta a cada dia. Evangélicos são maioria na comissão que negocia com a Administração

ele caiu fora", queixa-se.

Geraldo Lacerda diz que a comissão de moradores comandada por ele redigiu um documento para Eurípedes Carneiro assinar. Um acordo. Onde os invasores se comprometiam a desocupar o local e cadastrarem-se no Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab). Em troca, a administração garantiria-lhes lotes para moradia. "Ele nem chegou a ver o documento. Falei com ele pelo telefone e me respondeu: não assino coisa nenhuma."

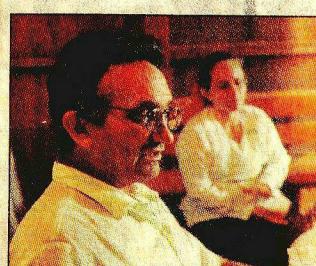
Assim, o pastor rompeu o relacionamento com a administração de Samambaia. "E não vamos aceitar que façam como fizeram em Santa Maria", avisa. Em sua opinião, lá os invasores foram enganados com a promessa de lotes e desmancharam a invasão, preenchendo fichas de um levantamento de ocupação, quando pensavam que estavam se cadastrando no Idhab. "Eles tentaram fazer a mesma coisa aqui. Nos propuseram a mesma coisa. Antes da remoção de Santa Maria. Mas não aceitamos. Ninguém aqui é sapo, para engolir brasa acesa."

Para a comissão de crentes da invasão de Samambaia, a remo-

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

"RESPEITAR PRA SER RESPEITADO"

A Bíblia e exemplares de jornal com matérias sobre a remoção de barracos em Santa Maria repousam na mesa do púlpito. O chão de barro úmido contrasta com a cortina branca que esconde a feitura da parede de madeirite, no local de pregações. O ambiente religioso também não combina com a música sertaneja do vizinho, que dança desequilibrado, movido pela cachaça e por um violão desafinado às



Pastor Geraldo Soares: "Isso aqui parece um ímã"

vezes emudecido pela música mecânica. "Moro aqui desde o dia 1º de agosto", afirma o homem que é conhecido como pastor da igreja Assembléia de Deus e líder da invasão, Geraldo Soares de Lacerda. Ele garante

que não tem orientações políticas de ninguém. "Apertei a mão do deputado José Edmar, no dia 14. Mas foi a primeira vez que o vi. Fui apresentado por uma pessoa da comissão de moradores da invasão. Já trabalhei muito em política, mas foi na Paraíba. Aqui, não."

Geraldo diz que na invasão a igreja está "entre a cruz e a espada". E que suporta a música e os bêbados. Tenta evangelizar. "Tenho que conviver e respeitar, para ser respeitado." E lembra que a presença de Deus é essencial. "Para proteção contra as balas que cruzam os barracos." (Cristina Ávila)

ção de 2 mil barracos na semana passada em Santa Maria foi uma lição. "Para que a gente não creia em promessa de político nenhum. Promessa, aqui, não vale", ressalta. "Já tentaram nos ludibriar com levantamentos." Explica que não acredita em promessas, mas aceita ajuda de políticos. O pastor revela que já esteve no gabinete do deputado José

Edmar (PMDB), pedindo força para a invasão.

Enquanto fala, caminha entre os barracos, cumprimentando as pessoas, mostrando os barracos recém-construídos e outros em obras. "Uns 20% dos moradores aqui são pessoas que não precisam. Ninguém duvide. Tenho um levantamento de todos que estavam aqui até a última terça-feira.

Depois, não sei quantos são, porque a invasão cresceu. Já avisei policiais, mas ninguém fez nada para impedir."

O serralleiro Adalberto Pereira da Silva, 29 anos, constrói três cômodos. "Moro de aluguel na quadra 421. Vamos morar eu, um primo e um tio. Queremos lote em qualquer lugar. Estamos aqui para garantir um." O primo, Wen-

derson Pereira Santo, 19, balança a cabeça, concordando. "Isso aqui é um ímã", comenta o pastor, cumprimentando os vizinhos. Conhece todo mundo. Velhos e novos moradores.

Segundo Geraldo Lacerda, na invasão tem de tudo. "Tem vadio que traz marginal, aí saem os tiros. Tem muito oportunista. Mas a maioria é família que precisa. O governo tinha que cadastrar todo mundo, dar ficha garantindo inscrição, aí ninguém mais invadia porque quem chegassem depois não ia ter nem esperança de ganhar lote."

A conversa do pastor não convence o administrador de Samambaia. "Não estou negociando nada com eles. Aquela área tem ordem judicial de desocupação. E, eles nem sabem, mas eu pedi à Justiça para deixá-los lá mais uns dias, até uma decisão." Eurípedes Carneiro não acredita que a invasão esteja crescendo.

E diz que hoje mesmo vai à invasão para dar uma boa notícia. "Vamos levar a proposta de financiamento de moradia pela Caixa Econômica Federal, mas só para aqueles que atenderem os critérios da política habitacional do governo", avisa.

■ Colaborou: Rovênia Amorim